



Novidades e indefinições no registo cerâmico medieval: os alguidares modelados manualmente

Marco Liberato | CEAACP - Universidade do Algarve



Fig. 1 - Alguidar modelado manualmente de Conimbriga.

As cerâmicas medievais serão das materialidades com uma sistematização mais incipiente no contexto nacional. O interesse tardio pela temática, a inexistência de referentes cronológicos durante grande parte do período ou a insistência em abordagens essencialmente tipológicas são algumas das explicações disciplinares e metodológicas para esse panorama.

Neste caso, apresenta-se uma morfologia que não surge até ao momento especificada na bibliografia. De resto, as suas características físicas dificultam a sua rigorosa identificação. Foi modelada manualmente, recorrendo-se a pastas muito friáveis, atributo que decorre em especial do desaparecimento, aquando da exposição ao fogo, de percentagens elevadas de matéria orgânica adicionada à argila.

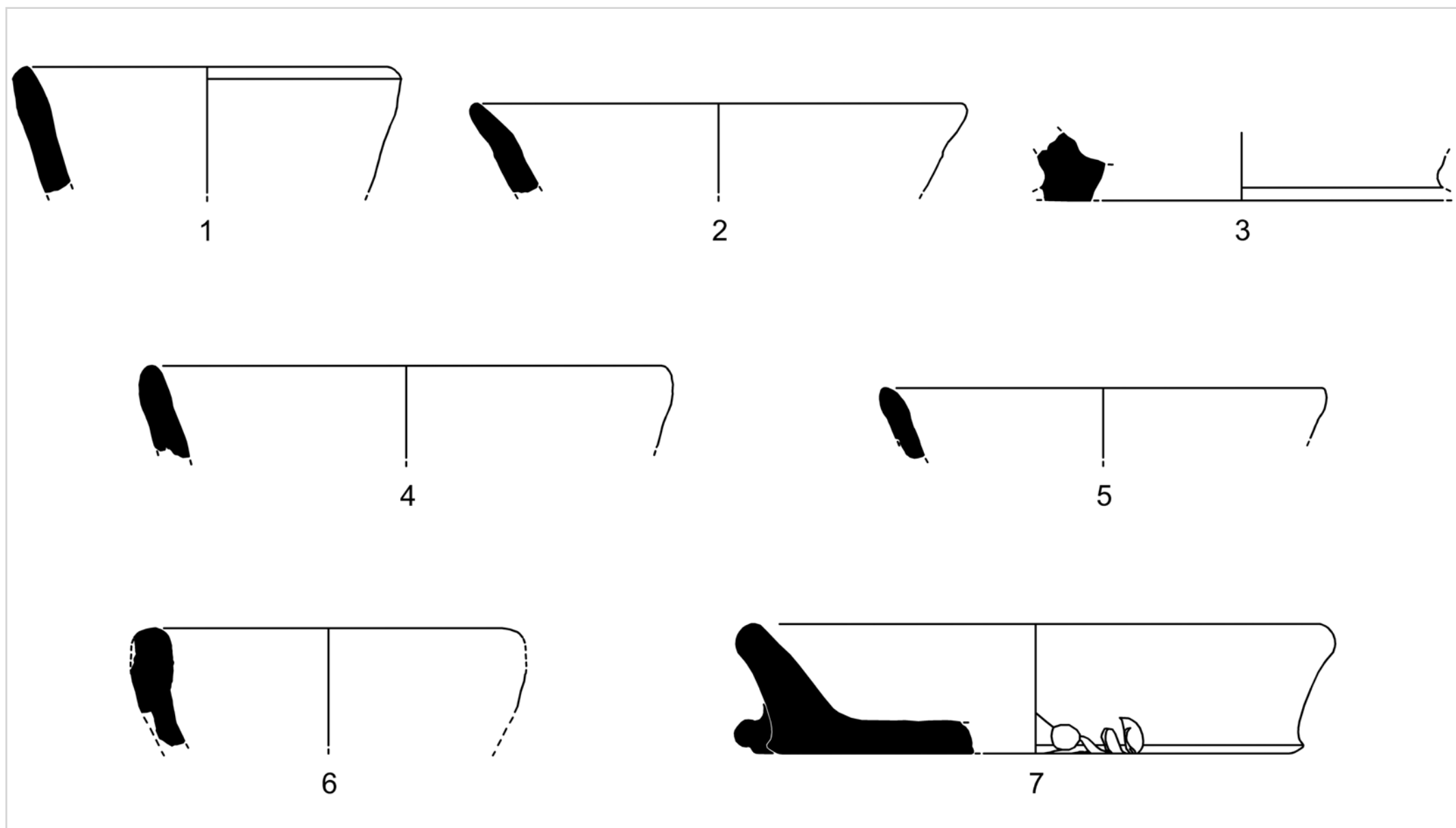


Fig. 2 – Exemplos de Torres Novas (1-3), Leiria (4-5), Quinta da Aramenha III (6) e Conimbriga (7).

Só identificamos um exemplar completo, proveniente de Conimbriga e datado contextualmente dos séculos X-XI. Desconhecendo a(s) sua(s) funcionalidade(s), nomeámo-lo provisoriamente como alguidar modelado manualmente, devido à semelhança morfológica com os recipientes homónimos de base em disco. Que constituem uma das produções mais características dos ambientes em que o domínio islâmico não se traduziu num aporte significativo de influxos meridionais.

A associação entre forma e tipo de pasta, permitiu a posterior identificação em vários locais. Verificando-se ainda uma sistemática associação com a primeira ocupação medieval desses sítios, como em Leiria, no século X ou Torres Novas e Quinta da Aramenha III, Cartaxo, entre os séculos XII-XIII.

...o processo interpretativo relacionado com esta singular produção cerâmica constitui um exemplo paradigmático das possibilidades que o registo arqueológico oferece no momento de elaborar discurso histórico...

Nos dois últimos, nova coincidência: foram identificados nos depósitos que colmatavam estruturas negativas que foram interpretadas como “fundos de cabana”. Junto ou sobre as mesmas assinalou-se também o recurso a fornos construídos em argila, que certamente enquadraram actividades relacionadas com o processamento de alimentos.

Verificou-se ainda o que parece ser um elevado índice de descartabilidade, surgindo estas peças muito fragmentadas, dado que a sua estrutura física não parece adequar-se a utilizações sucessivas. Assim, o recurso a estruturas tipo cabana, a fornos precários bem como a uma forma cerâmica de fácil modelação, mas altamente descartável parecem convergir numa mesma realidade: habitats temporários de populações recém-chegadas a uma unidade de povoamento, com uma estruturação “urbana” ainda incipiente.

O que permite associar, com elevada probabilidade, os alguidares de modelação manual a movimentos populacionais de colonizadores setentrionais, que seriam o suporte demográfico da afirmação de poderes das unidades políticas cristãs. Expectáveis e conhecidos nos séculos XII-XIII, mas

absolutamente “inesperados” no século X, nas latitudes em questão.

Consideramos, portanto, que o processo interpretativo relacionado com esta singular produção cerâmica constitui um exemplo paradigmático das possibilidades que o registo arqueológico oferece no momento de elaborar discurso histórico, quando a disciplina se autonomiza definitivamente da tutela da documentação escrita. Pelo que só a progressiva especialização, sistematização e discussão teórica no âmbito da Arqueologia Medieval, poderão desconstruir definitivamente a sua provocatória definição como um «meio muito caro de constatar o óbvio» (JERVIS, 2014, p. 11).

Bibliografia

JERVIS, Ben (2014) - Pottery and social life in medieval England. Towards a relational approach. Oxford, Oxbow Books

Fig. 3 [página seguinte] – Forno em argila. Século XII-XIII, Torres Novas.





Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015. (Foto de Joana Alves-Ferreira).



territórios da
arte

